

PEDRO CALMON

História do Brasil

Século xvii ♦ Formação brasileira

Apresentação
Thomas Giulliano



Sumário

Apresentação — <i>Thomas Giulliano</i>	17
---	----

I - ENTRE O CEARÁ E SÃO PAULO

Incorporação do Norte.....	33
Diogo Botelho	33
A costa lés-oeste	34
O Ceará	34
Odisséia de Pero Coelho	35
Dois missionários.....	36
Coco e baleias	37
Holandeses na Bahia	38
Justiça nova.....	38
A Relação.....	39
Governação do Sul.....	40
Decepção de D. Francisco.....	40
A administração das minas	41

II - MARANHÃO E PARÁ

França Equinocial	43
Nobres e frades	44
Intenções do rei.....	44
São Luís	45
A reação	45
Martim Soares Moreno.....	46
Gaspar de Sousa.....	47
A segunda missão.....	48
Guaxenduba.....	48
Tréguas	49

O Bangala.....	49
Capitulação.....	50
Afinal o Pará!.....	51
Pernambuco em vez da Bahia.....	53
Santo Ofício.....	54
Prata que não se achou.....	55

III - A PRIMEIRA GUERRA DE HOLANDA

Preliminares.....	57
Matias de Albuquerque.....	58
Governador e bispo.....	58
Companhia das Índias.....	60
Aumentos do Brasil.....	62
Comércio e rendas.....	63
Cristãos-novos.....	64
A expedição.....	65
Tomada da Bahia.....	66
Reação e assédio.....	68
Recuperação da cidade.....	70
Restauração.....	70
Castigos e festas.....	71
Devastação.....	73

IV - A SEGUNDA INVASÃO

O governo de Diogo Luís.....	75
Pieter Heyn.....	75
Índios rebeldes.....	76
A segunda investida flamenga.....	77
O Arraial de Bom Jesus.....	79
Debilidade espanhola.....	82
A conquista estende-se.....	82

V - O NORTE EM 1630

Paraíba.....	85
Rio Grande.....	86

Ceará	87
Maranhão	88
Pará.....	90
Conquista do Amazonas	93

VI - O SUL EM 1630

Ilhéus e Porto Seguro	97
Espírito Santo	97
Rio de Janeiro	98
Descida do morro	99
São Vicente	101
As três vilas	102
Os patos.....	102
Santos	103
O grande deserto.....	103

VII - EXPANSÃO PAULISTA

Jesuítas no Paraguai	105
O primeiro choque.....	106
São Paulo... Mirim	107
Parnaíba e Taubaté.....	109
Pires e Camargos.....	110
O colégio	111
Guerra de corso.....	112
Destruição	114
Impunidade	115
Expulsão dos jesuítas de São Paulo.....	116
Separação das capitanias do Sul	118
Reação dos padres	119
Inquietação constante	120

VIII - UM IMPÉRIO EFÊMERO

O êxito dos holandeses.....	123
Calabar	123
Na Paraíba	125

O Arraial de Porto Calvo	126
O desastre de D. Luís de Rojas.....	127
Um administrador: o Conde de Nassau	128
A consolidação do domínio.....	129
IX - REVESES E FORTUNA	
Aumentos da cidade-capital	131
D. Pedro da Silva	132
Socorros de Espanha	133
Ataque de Nassau à Bahia	134
X - SOB O SIGNO DA RESTAURAÇÃO	
A armada do Conde da Torre.....	137
Catástrofe	140
O Vice-rei Montalvão	141
Tréguas	142
D. João IV e a Bahia	144
XI - POLÍTICA E LIBERDADE...	
A aclamação no Rio	147
São Paulo e Amador Bueno.....	147
Destituição do vice-rei	149
Conselho Ultramarino.....	150
O juiz do povo	151
Representação... ..	152
Privilégios burgueses	153
XII - A ÉPOCA DE NASSAU	
Deslealdade.....	155
A queda de Angola.....	155
Perda do Maranhão.....	156
Esplendor da Nova Holanda	158
Prosperidade	161
Os escabinos	161

João Fernandes Vieira	162
Reconquista do Maranhão	163
Declínio	164
O problema das dívidas.....	164
XIII - REINTEGRAÇÃO	
Idéias do Padre Vieira.....	167
Os judeus	168
A surpresa pernambucana	169
André Vidal	169
O movimento	170
Pelo Santo Antônio	171
Intrigas e planos.....	171
Oportunidade perdida	172
Confraternização	173
XIV - ESTRONDOS DE GUERRA	
A rebelião generalizada.....	177
Tempo e mar.....	178
A armada de Segismundo.....	179
Penedo e Itaparica	180
XV - RECUPERAÇÃO DO NORDESTE	
O preço das esquadras.....	183
TranSES diplomáticos.....	184
O general	185
Guararapes.....	186
Conseqüências	188
Na Europa	188
Retomada de Angola.....	190
XVI - A EXPULSÃO	
Novas esperanças	193
A segunda batalha.....	193

A companhia de comércio	195
A primeira esquadra	196
A aliança inglesa	196
Operações finais.....	197
A capitulação	197
Entrada no Recife	198
Feudalismo condenado.....	200

XVII - O GOVERNO-GERAL E O SERTÃO

O Conde de Castelo Melhor	201
Restabelecimento da Relação	202
O Conde de Atouguia.....	202
Paulistas no Nordeste.....	204
Segredo da guerra.....	204
Melhorias.....	205
Dote e paz.....	206
“Os quatro artigos”	207
Nova separação do Sul	209
Paraíba do Sul.....	209
Campos	211
Motins do Rio de Janeiro.....	212
Mulatos e mamelucos.....	213
Reincorporação do Sul.....	215
Vice-rei	216
Conspiração obscura	217
Alexandre de Sousa Freire	219
Afonso Furtado.....	221

XVIII - CICLO NORDESTINO

Credulidade	223
Minas fabulosas	223
A Casa da Torre	224
Descobrimto do Piauí.....	224

Missões do São Francisco	226
Penetração.....	227
D. Rodrigo de Castelo Branco	228
XIX - BANDEIRAS DO PLANALTO	
Outros tempos	231
Comércio de Buenos Aires	231
Raposo Tavares	233
Vacaria.....	234
Agostinho Barbalho.....	235
Norte e Oeste.....	235
XX - DOIS MITOS PROVIDENCIAIS	
A ilusão do governador.....	239
A costa do Sul	240
Paranaguá.....	241
Laguna e Santa Catarina.....	244
Curitiba	245
Sabarabuçu	245
Capitania do Espírito Santo	247
Esmeraldas de Fernão Dias	247
Fim de D. Rodrigo.....	250
XXI - A COLÔNIA DO SACRAMENTO	
Contra o Tratado de Tordesilhas.....	253
O <i>uti possidetis</i>	253
As duas empresas	254
A expedição.....	255
Nova colônia.....	256
Buenos Aires	256
A queda.....	257
Restituição.....	258
Governos do Rio de Janeiro	258

XXII - A BAHIA — CAPITAL

Triunvirato patricio.....	261
Roque da Costa.....	262
O Regimento	262
Sé arquiiepiscopal.....	263
Conventos.....	264
Obras urbanas.....	264
Higiene e defesa.....	268

XXIII - PROSPERAM AS CAPITANIAS

Sergipe.....	269
As Alagoas	270
Recife e Olinda	270
Restauração da Vila Antiga	271
Luta de jurisdições	272
Brito Freire.....	272
O “Xumberga”	273
Paraíba.....	275
Rio Grande.....	276
Ceará	277

XXIV - OS JESUÍTAS NO NORTE

A área amazônica.....	281
Em favor do índio.....	282
Vieira no Maranhão.....	283
A voz da catequese	285
Florescem as missões.....	286
O caso de Marajó.....	289
A retirada dos padres.....	290
Partidos da corte	292
Economia primitiva	293
Rebelião dos maranhenses.....	294
A fronteira setentrional.....	296

Antônio de Albuquerque	296
O caminho da Bahia.....	298

XXV - NEGROS E TAPUIAS

Brasil em África	299
Negros fugidos.....	300
A luta infundável.....	302
Domingos Jorge Velho.....	302
A guerra do Açú.....	304
Pazes inesperadas	305
A derrota dos quilombolas.....	306
Como acabou o Zumbi.....	307

XXVI - Os “MALES DO BRASIL”

O “braço de prata”	309
O caso do alcaide.....	309
Marquês das Minas.....	311
A epidemia grande	312
Matias da Cunha	312
Câmara Coutinho.....	314
Alterações da moeda	315
Moeda provincial	316
Alimentos e justiça.....	317
Viagem e morte do arcebispo	317
D. João Franco.....	318

XXVII - O GRANDE GOVERNO DE D. JOÃO DE LENCASTRO

O preferido da terra	319
A Casa da Moeda.....	320
O salitre	321
Vilas e juízes	322

XXVIII - MAGISTRADOS E GOVERNOS

Predomínio do bacharel	323
Marcha para o absolutismo	324

Vereadores.....	324
Centralização.....	325
Ordem sertaneja.....	325
Os irmãos Vieira.....	326
1700.....	327
XXIX - INÍCIO DO CICLO DO OURO	
Minas Gerais.....	329
Artur de Sá.....	331
Os arraiais.....	331
O guarda-mor.....	332
XXX - FORÇAS ECONÔMICAS	
Suficiência.....	335
O interesse de Portugal.....	336
Pau-brasil.....	337
Açúcar.....	338
A escravatura.....	341
Tabaco.....	344
Criação de gado.....	345
Especiarias.....	346
Dízimos do Estado.....	347
XXXI - A CULTURA NO SÉCULO XVII	
Iniciação literária.....	349
A língua.....	349
O ensino.....	350
Mazombos.....	352
Frei Vicente.....	352
As três características.....	353
Autores.....	353
Antônio Vieira.....	355
Gregório de Matos.....	356
Poetas menores.....	357

Estudantes	359
Frades	360
Escolas e livros	361
Ciência.....	362
 XXXII - ARTE SEISCENTISTA	
Originalidade impossível.....	365
O barroco	366
Arquitetos	366
Síntese do 2º século.....	368
 Índice remissivo	 371

APRESENTAÇÃO

Pedro Calmon não merecia, não merece e não merecerá nunca o desprezo

A sociedade brasileira, como uma paisagem, é um sistema cuja estrutura e evolução são determinadas por múltiplos fatores. Considerá-los na indissociável coesão que os une é fundamental se quisermos compreender o funcionamento da história nacional. Historicamente, não somos órfãos de pais desconhecidos. A continuidade, que não significa indiferença aos dramas herdados, é uma consciência própria do homem. Diante do passado, temos a percepção de nossa individualidade e com a história compreendemos o que os homens foram, fizeram, conseguiram. Se sássemos da história, tomaríamos no nada. Pensá-la é vê-la no reino do possível.

Desde a invenção da escrita, o registro de experiências humanas informa que recebemos do passado um conjunto de valores, necessidades e crises. Da luz elétrica aos livros de Graciliano Ramos, sem ignorar a falta de saneamento básico pleno e a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, o passado sempre deixa a sua herança. A História sempre lida com eventos que aconteceram em um tempo. Não é uma manipulação, mas o descobrimento de realidades próprias do passado, enquanto a historiografia, constituída como o campo privilegiado de recolha de materiais humanos, é o estudo das variações dos comportamentos dos homens do passado. Descortinar o passado é exprimir um diálogo explicativo, por meio das fontes históricas, acerca de eventos singulares e não mais existentes. O passado, enquanto conjunto descontínuo de fatos verdadeiros e mutilados, não é um ser, mas um cruzamento de itinerários. Sem a história, vemo-nos privados de falar das origens de que brotamos e que nos sustentam.

A pesquisa historiográfica, diametralmente oposta à ficção, transforma o passado em fenômeno do conhecimento e não se contenta com o interior das coisas, mas apreende, no seu exterior, o significado dado pelo homem. Dotada de um caráter temporalmente transcendente, é um lugar ontológico privilegiado, onde o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, transportando-se imaginariamente para outro tempo. O ato de explicar a substancialidade do passado não é somente o de unificar ou familiarizar a aparência com o aspecto de um grande princípio, ou a realização da condição autoconsciente e livre dos homens, mas é uma apreensão das realidades não dadas que se revela por meio do dado.

Toda pesquisa histórica anda sempre às voltas com a linha difusa entre resgatar a experiência daqueles que viveram os fatos, interpelar seu sentido e reconhecer nessa experiência seu caráter inconcluso. A historiografia examina o ponto do contato da palavra com a realidade concreta do objeto examinado. É um instrumento privilegiado de decifração do mundo. Encontrar o verdadeiro sentido das palavras contidas em um texto é tarefa que se impõe a qualquer historiador que deseja transformar em compreensão histórica o seu estado inicial de incompreensão semântica. Historiar é uma atividade intelectual, composta por tudo o que um historiador pode aprender: leituras e convivências, por idas e vindas entre os documentos, alocação de seus interesses intelectuais, um esforço de imaginação em fazer reviver o tempo estudado. Qualquer historiador, para produzir bons significados sobre um tempo irreversível, precisa de uma atenção constantemente voltada para os múltiplos objetos que exprimem os vestígios esparsos do passado.

O historiador que conhece os eventos apenas em sua ordem cronológica não descortina os indivíduos em meio aos fatos, mesmo que correspondentes à dimensão episódica da narrativa. Esse tipo de erro insere o heterogêneo psíquico em uma homogênea superestrutura psíquica. Enquanto a história é feita de acontecimentos, a historiografia é a tentativa de composição de certas totalidades temporais, extraídas do fluir histórico e firmadas num cálculo cronológico. Não chega a ser historiador aquele que simplesmente trabalha com afinco nos arquivos. Para o historiador, a determinação da veracidade de documentos é uma tarefa preliminar. Deve-se devolver o fato à sua totalidade em busca de uma compreensão da vida humana. A leitura de um documento é como conversar com um ser de papel. Pacientemente, o historiador faz perguntas que possibilitam a reflexão sobre as diferenças entre a realidade, o perceber e o imaginar da essência analisada. Seu pensamento reflexivo pertence, antes de tudo, às categorias do pensamento comparativo, no qual, cada fonte histórica, com seus diferentes tipos, representa um universo aberto onde o seu intérprete pode descobrir infinitas interconexões. No presente e no passado, ser historiador sempre exigiu erudição e sensibilidade no tratamento de fontes. A alma dessa compreensão é forjada na luta que o pensamento conceptual do historiador estabelece contra o drama da palavra. Ao fazer mais que acatar o critério da evidência aparentemente imediata, o historiador percebe que em cada documento de uma mesma temporalidade há diferentes vozes.

Evitar conclusões apressadas ou rígidas é uma condição essencial para não transformar a especificidade do fato histórico em um acontecimento indistinto. As motivações morais implicadas nos fatos analisados podem ajudar a compreender a história, mas não são os objetos da explicação histórica. Há diferenças entre a história como fato e o registro escrito dos fatos. Fundada na diversidade dos homens e tempos históricos, a história não é um conhecimento de intenções, mas dos fatos livres realmente executados. O bom historiador não é um mero colecionador, mas um operário da verdade pretérita. Seus pensamentos e aspirações se dirigem à construção humana sobre a reflexão, sobre o saber. A história se dirige ao conhecimento da ação humana. A transformação desse depósito de múltiplas matérias-primas individuais em uma estrutura lógica é um dos ofícios dos historiadores. Descobrir realidades próprias do

passado, constituídas enquanto resultados das decisões dos homens concretos, requer esforço. Enquanto homens, somos hóspedes de um momento da história.

A história integra a existência humana através de uma reunião de passados, individuais ou coletivos. O fato histórico é a ação humana realizada singularmente no tempo. Por mais ampla que seja a causa histórica, a sua recepção é sempre individual. Como escreveu Ortega y Gasset: “Eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela, não me salvo a mim”. Originalmente, o sujeito da história é o indivíduo, que, por sua essência *sociālis*, engaja-se em totalidades coletivas detentoras de vínculos que aproximam os homens na realização de projetos de vida. Do trabalho corporativo à família, exemplos não faltam para enfatizar que o vínculo social permeia a história. Inescapavelmente, tupinambá ou esquimó, o homem nasce no seio de uma sociedade e faz sua vida em seu meio. Do mais remoto núcleo familiar ao mais abrangente tema global, é sempre inimaginável um fato histórico que não seja também social. Evidenciar a especificidade humana em nada invalida a certeza de que o indivíduo é meio e instrumento da história.

A verdade existe, inclusive nesses tempos em que o rigor intelectual passa longe de ser difundido. Afirmar a sua existência é uma condição para o desenvolvimento de qualquer pesquisa historiográfica. A questão da verdade na história é capital. Se não há certeza, não há verdade; nem o mínimo de coesão social. Fora da verdade, nada pode ser verdadeiro. Abandoná-la leva ao nada. Se cada um tem a sua verdade, por que não posso afirmar que Machado de Assis foi um hipopótamo membro da Al-Qaeda?

O que perguntei é incognoscível porque desarticula a consciência natural do mundo fenomênico e a ordem do conhecimento. Na nossa consciência, ordenamos e elaboramos o material sensível em relação às formas *a priori* da intuição e do entendimento. A nossa convicção da realidade de que Machado de Assis não era um hipopótamo é o resultado da soma de um raciocínio lógico com a vivência imediata numa experiência da realidade. O conhecimento consiste em forjar uma imagem do objeto; e a verdade do conhecimento é a concordância desta imagem com o objeto. Nem tudo é questão de ponto de vista. Na história, há divisão entre os objetos reais e ideais; é real tudo o que nos é dado pela experiência histórica. Para o realista, o verdadeiro existe fora e independentemente da nossa consciência, enquanto para o idealista o verdadeiro não existe pura e simplesmente, mas necessita ser concebido.

Na generalidade nada mais representativo do que a cegueira. A impossibilidade de esgotamento da verdade é tomada como prova de sua inexistência, e a subordinação dela à vontade para tirar a limpo convenções entendidas como arbitrárias é confundida com negação da unidade entre o pensamento subjetivo e o objetivo. Nessa babel, impregnada de idealismo lingüístico, além dos problemas hermenêuticos, deve-se levar em conta as conseqüências dessa predisposição para se multiplicar uma importância pessoal. Esse idealismo reduz o ser das coisas percebidas e distingue o dado da percepção e a própria percepção. Suprimida a realidade aparente, sustenta a tese de que não há coisas reais, independentes da consciência.

Sucessão e dimensão episódica indicam a ordem dos acontecimentos; totalidade temporal e seqüências de enunciados indicam a ordem do discurso. O passado pos-